



***A/R/TOCARTOGRAFIAS PARA DECOLONIZAR NOSSOS SENTIDOS  
SOBRE OS CORPOS MINORITÁRIOS***

***A/R/TOGRAFIAS CARTOGRAFIAS PARA DESCOLONIZAR NUESTROS  
SENTIDOS SOBRE LOS CUERPOS MINORITARIOS***

***A/R/TO CARTOGRAPHS TO DECOLONIZE OUR SENSES  
ON THE MINORITY BODIES***

*Fabiana Aparecida de Carvalho<sup>1</sup>*

*“Maddox” Cleberson Diego Gonçalves<sup>2</sup>*

*Eliane Rose Maio<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Num movimento a/r/tográfico (inter-relação textual, imagética com problematizações e a construção de narrativas que não se esquadriham pela lógica acadêmica) e com aportes teóricos decoloniais do sul global, discutimos a naturalização de certos discursos na biologia e nas artes visuais com o propósito de problematizar a colonização dos sentidos para os corpos, gêneros e as sexualidades minoritárias. Saberes colonizados

<sup>1</sup> Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Professora Adjunta do Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá (DBI/UEM), Coordenadora do Grupo de Estudos das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade (GEPECOS/UEM). E-mail: facarvalho@uem.br

<sup>2</sup> Doutorando em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Professor Assistente Colaborador do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Diversidade Sexual (NUDISEX/UEM) e no Grupo DOBRA - Grupo de Pesquisa em Arte, Subjetividade, Educação e Diferença. E-mail: maddoxcircus@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM), Universidade Estadual de Maringá, Coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Diversidade Sexual (NUDISEX/UEM/CNPq). E-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

adensam as Pedagogias Culturais e guiam entendimentos que apagam a outridade e os pertencimentos de classe, etnia, gênero, de lugar. Trabalhamos com imagens e representações como potências poéticas e epistêmicas, causadoras de abalos no regime de colonialidade do poder/saber e como brechas e fraturas dos discursos normativos, coloniais, biológicos e naturalizados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Biologia. Arte e Educação. Corpo. Gênero. Sexualidades.

## RESUMEN

En un movimiento a/r/tográfico (interrelación textual, imagen con problematizaciones y la construcción de narrativas que no son escaneadas por la lógica académica) y con aportes teóricos descoloniales del sur global, discutimos la naturalización de ciertos discursos en biología y artes visuales con el propósito de problematizar la colonización de los sentidos por cuerpos, géneros y sexualidades minoritarios. Los conocimientos colonizados densifican las pedagogías culturales y guían las comprensiones que borran la alteridad y las pertenencias de clase, etnia, género y lugar. Nosotras trabajamos imágenes y representaciones como poderes poéticos y epistémicos, que provocan sacudidas en el régimen de colonialidad del poder / conocimiento y como brechas y fraturas de discursos normativos, coloniales, biológicos y naturalizados.

**PALABRAS-CLAVE:** Enseñanza de biología. Arte y educación. Cuerpo. Género. Sexualidades.

## ABSTRACT

In an a/r/tographic movement (textual, imaginary interrelation with problematizations and the construction of narratives that are not guided by academic logic) and with decolonial theoretical contributions from the global south, we discuss the naturalization of certain discourses in biology and visual arts with the purpose of problematizing the colonization of the senses for bodies, genders and minority sexualities. Colonized knowledge densifies as cultural pedagogies and guides understandings that erase otherness and the belongings of class, ethnicity, gender, of place. We highlight images and representations as poetic and epistemic powers, causing shakes in the power/knowledge colonial regime and as loopholes and fractures in normative, colonial, biological and naturalized discourses.

**KEYWORDS:** Biological education. Art education. Body. Gender. Sexuality.

\* \* \*

## Introdução

As discussões apresentadas neste texto são um recorte de uma pesquisa maior que visa problematizar a arte educação e os currículos escolares em suas facetas hegemônicas. Fazemos, porém, um cruzamento interdisciplinar com a biologia por compreendermos que tanto essa área do conhecimento quanto a educação dos sentidos para uma estética, para a arte educação, moldam os significados corporais e as representações instituidoras de valores, narrativas e crenças presentes nas escolas e nos currículos oficiais.

Nosso arcabouço teórico são as teorizações decoloniais (QUIJANO; 2002; MIGNOLO, 2008; BALLESTRIN, 2013) e feministas (LUGONES, 2014; GONZALES, 1979; CARVALHO, 2018) que questionam os epistemicídios e os apagamentos de classe, gênero, raça, etnia, pertencimento cultural e de afetividades em prol de discursos universalistas sobre o corpo, as sexualidades, os gêneros, enfim, sobre as subjetividades construídas em outras bases de pensamento que destoam da ciência moderna ou arte hegemônica.

Neste sentido, posicionamo-nos contrários ao patriarcado – colonialismo – capitalismo e à imposição de uma herança branca, heterossexual, machista, da ordem econômica, reprodutiva (MADDOX; CARVALHO; MAIO, 2021) ao traçar uma a/r/tografia responsável por deslocar representações corporais contra hegemônicas que poderiam, a nosso ver, fazerem-se presentes nas escolas e nas Pedagogias Culturais como gatilhos, incentivos, discursos a visibilizar e a defender corpos dissidentes, hibridações biológicas e culturais, “americafricanidades” (GONZALEZ, 1979), plurissexualidades, afetividades e identificações mais subjetivas que não sucumbam à biologia ou a um caminhar artístico de tradição colonizados e disseminados pelo norte global.

A a/r/tografia não é um processo metodológico enraizado nos meios acadêmicos e nas pesquisas em ensino de arte, tampouco da biologia. Ela perfaz uma tentativa de romper com o engessamento positivista na descrição dos processos de subjetivação e subjetividade do fazer científico e artístico, congregando uma inter-relação texto, imagem, poética, narrativa (IRWIN, 2004) para se dizer da pesquisa, para se expor como artista e para se situar como ensinante / educadora e, por efeito, para contribuir com as instituições educacionais ao congregar elaborações curriculares/criativas para estudantes. Ela se constitui numa problematização poética, especialmente porque discute a naturalização da cultura visual e a vida governável, ofertando um campo de possíveis, abalos no pensamento cristalizado e possibilidades de agregar discussões marginalizadas pelas ciências. Segundo Belidson Dias (2010, p. 04), essa metodologia decorrente da Pesquisa Baseada em Arte (PEBA) é um “ato criativo em si e per si” e também um risco, pois não se fecha em dados, resultados imediatos e quantificações, mas é aberta a processos, interpretações e hibridações. Ou seja, na a/r/tografia pesquisa e ação se fundem

e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem das fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O artógrafo, o praticante da artografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. Não está interessado em identidade, só em papéis temporais. Vive num mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação (DIAS, 2010, p. 07).

Dessa forma, nossa aposta é esse entre lugar arte e biologia, entre pesquisa-educação-(c)a/r/tografias para refletir e pensar os caminhos históricos e o que está por vir, rever processos e práticas, para criar novas ideias e pensamentos, problematizar nossas posições, preconceitos, suposições e cristalizações, mirando uma nova maneira de agir eticamente na profissão.

Assim, nossa escrita encontra-se com a proposição de Luciana Ballestrin (2013): produzir políticas e formas de repensar o mundo nas quais imagens e pensamentos sejam gatilhos de outras experimentações; em nosso caso, de experimentações em novos processos de curricularização, com a captura das dissidências de gênero, corpo, sexualidade para compor outras configurações escolares.

Logo, o trabalho a/r/tográfico e mestiço entre arte e biologia, política e sociedade, subjetivações históricas e construções de novas subjetividades permite a movimentação de epistemes que resgatam significados e sentidos da subalternidade, da periferia; sentidos a endossar a resistência às normas impostas pelo sistema patriarcal – colonialista – capitalista, especialmente quando essas normas apagam os significados e as vivências do sul global (MADDOX; CARVALHO; MAIO, 2021).

As obras destacadas neste texto e as discussões com e por elas geradas problematizam a colonialidade do poder (QUIJANO, 2002) e os processos de submissão dos corpos, gêneros e sexualidades. Quanto a esses últimos, eles estão pensados como categorias relacionais, históricas, contingentes e como analíticas das relações de poder (hierárquicas ou horizontalizadas), das relações de desigualdades e como questões intrincadas com a generificação das pessoas com base na diferença sexual e nos processos de racialização sustentadores da branquitude enquanto um sistema mundo de dominação e opressão (QUIJANO, 2002; MIGNOLO, 2008; LUGONES, 2014; CARVALHO, 2018; LEITE, 2020).

Advertimos que neste movimento a/r/tográfico<sup>4</sup> (e também decolonial), as pessoas leitoras estão livres para, *pari passu*, preencher a escrita com espaçamentos, dúvidas, desestabilizações, sentidos e seus próprios pensamentos como forma de adentrar numa poética visual e numa problematização dos corpos, gêneros, sexualidades e vidas. A ideia é fugir da re/biologização da vida orgânica e social e descentrar a educação artística dominante, por exemplo, nos ensinamentos escolares fisiológicos, anatômicos, estéticos, padrões, branqueados, puros e desconectados da história latino-americana. Logo, as imagens são potências lançadas em diferentes direções e consubstanciam uma coletividade de questões históricas e subjetivas no texto-imagem-estética, nos territórios de saberes das autoras do trabalho, de educadoras e pesquisadoras em arte e educação e em biologia.

Em relação à perspectiva decolonial, destacamos a necessidade de deslocar o pensamento para analisarmos a decolonização do ser (MIGNOLO, 2008), do poder, dos saberes, das sexualidades, dos corpos e dos gêneros num sentido que vai além das relações econômicas, epistêmicas, sociais e mesmo curriculares. É por meio desta análise que buscamos compreender as identidades ocultas nas noções universais do pensamento – as mesmas constituídas pela história hegemônica das ideias da biologia moderna, da arte canônica, da arte erudita, enfim, da ciência e da estética das pessoas colonizadoras, conformadas desde o acúmulo primitivo do capital no século XVI, no expansionismo mercantil, no estabelecimento de noções de verdade e razão que serviram de substrato para a modernidade, o imperialismo, o positivismo e para as relações de produtividade e economia cristalizadas no século XIX em diante.

Em síntese, foi no contexto histórico dos últimos quinhentos anos que a força colonial, através de processos de universalização do conhecimento ancorados em concepções fisiológicas, binárias, de diferença sexual, animalização e racialização, lançou-se sobre as epistemes latinas, os corpos negros vindos de África, os povos originários e sobre as comunidades tradicionais (QUIJANO, 2002; MIGNOLO, 2008), dizimando saberes e as alteridades.

As linhas de pensamento apresentadas nesta introdução nos guiam às provocações a seguir, apresentadas em dois eixos. Trata-se de um exercício que pode ser capturado por quem questiona os currículos oficiais, os artefatos e pedagogias

---

<sup>4</sup> Embora o formato “oficial” de escrita e divulgação de um trabalho dito científico engesse a liberdade a/r/tográfica e sua configuração de texto imagético-poético, tentamos manter a formatação exigida pela revista e certa linearidade na condução da escrita-pensamento.

culturais (o próprio currículo, imagens, representações, campanhas educativas, livros didáticos, literatura, novelas, outdoors, filmes, entre outros), com o intuito de possibilidades poéticas com atravessamentos biológicos outros. Em especial, trata-se de apresentar vozes subalternas das pessoas do sul global. Essas vozes que não se silenciam, mas se lançam no mundo como catapultas contra o poder hegemônico, como corpos “trincheiras” e de resistência, como proponentes da decolonização de nossos modos de ser, justamente onde as epistemologias consideradas mortas e apagadas ganham a devida pulsão de significância.

### **Que corpos cabem no ensino de biologia e na arte educação?**

Os significados sobre corporeidade foram historicamente descritos por preceitos e regras baseadas na visão anatômica construída pelos discursos médicos, biológicos e também pelos discursos estéticos padronizadores de representações, estruturas e padrões de beleza ou apreciação. Essas discursividades imputaram ao corpo a condição de um objeto a ser examinado, analisado, descrito e controlado em descrições normativas, critérios de divisões orgânicas, categorizações e classificações fundadas nas epistemes do norte global, especialmente as europeias.

O branco, o claro, a civilização, a ordem binária dos gêneros, a heterossexualidade, a diferença sexual, a conjugabilidade, a compartimentalização das estruturas orgânicas, a perspectiva artístico-matemática, os ideários de beleza greco-romanas, as escolas estéticas, a organicidade humana esquadrinhada em hierarquizações tornaram-se mais que metáforas e contingências históricas, dispositivos que configuram pedagogias a nos ensinar, num regime de colonização dos saberes, a como nos comportar, a tomar a anato-fisiologia como a base de nossas existências, a estabelecer normas para regradar, adestrar e padronizar os corpos, a aceitá-los como civilizados, belos e bem educados enquanto se anulam as dissidências, as negritudes, os grupos étno-culturais, a fluidez sexo/gênero, as dinâmicas afetivas homo-lesbo-bi sexuadas, as transgeneridades, a autopoiesis orgânica, as referências estéticas diferenciadas do norte global, as estéticas originárias de América, África ou Ásia.

No caso das escolas, artefatos culturais como currículos, livros didáticos, textos, representações sustentam ainda corporeidade destituídas de identificações, identidades e de pertencimentos culturais. Apesar dos corpos se pavonearem nas escolas, num efeito de interdição discursiva e não discursiva, muitas materialidades, vivências, estéticas são apagadas das discussões pedagógicas, dos conteúdos estruturantes, das integrações dos

conhecimentos específicos com a vida em sua múltipla possibilidade de ser e de se explicar. São corpos das pessoas deficientes, idosas, obesas, LGBT, mulheres, tatuadas, ameríndias negras, ciganas, ameríndias, entre outras, que não sendo representáveis na biologia e nas estéticas da tradição escolar e cultural, acabando tendo suas materialidades desconsideradas.

Lembrando Sílvia Trivelato (2005) e de sua indagação acerca de que corpo cabe no ensino, podemos perguntar de quem são esses corpos sem donas, sem identidades, desalojados de seus processos identitários, seccionados, fisiológicos e assépticos nas descrições da biologia; branquiados, magros e neutros nas fulgurações da arte.

As corporeidades da escola do sistema patriarcal – colonialista – capitalista são destituídas de semelhanças com a vida real e vivida das estudantes; são corpos assexuados ou marcados por estereótipos de feminilidade e masculinidade, de certo ou errado, de beleza ou feiura a endossar expectativas sociais bem específicas (trabalho, divisão de classes, desigualdades, racismos, apagamentos epistemológicos, diferença colonial e assimilação de padrões dos grupos culturais hegemônicos).

São esses os nossos corpos? São esses os corpos afastados de nós? E os corpos como o da artista Fernanda Magalhães (2010) (FIGURA 1), que desestabilizam as representações dominantes, mas não encontram pertencimento nos currículos oficiais? Cabem nas artes e na biologia?

Segundo Fernanda, a tabela científica utilizada na medicina voltada ao controle endócrino e ao controle do índice de massa corporal (IMC) é denominada de “Classificações científicas da obesidade”.

Os corpos apresentados nos artefatos escolares, em sua relação com IMC do discurso médico, com a representação dos corpos sarados na educação física ou das musas de artistas famosos na história da arte, por exemplo, estipulam / classificam o corpo ideal, a massa corpórea desejada, tipos e formas lidas como obesas e normatizadoras do corpo ideal.

**FIGURA 1** – Imagem composta a partir da foto performance e instalação “Classificações científicas da obesidade”, de Fernanda Magalhães



Fonte: MAGALHÃES<sup>5</sup> (2010)

A tabela descrita pela atriz

determina as doze classificações, resultado dos dois tipos de formatos de corpo relacionados com os seis tipos de massas corpóreas. Os tipos, **Andróide e Ginecóide**, popularmente conhecidas como Maçã e Pêra, tratam, por uma relação da medida da cintura e do quadril, das formas dos corpos que resultam, segundo estudos científicos, na obesidade benigna e na obesidade maligna. Os tipos de massas corpóreas - magro, normal, obesidade leve, obesidade moderada, obesidade severa e obesidade mórbida - classificam, por uma relação de peso e altura, os estágios da obesidade (MAGALHÃES, 2014, s/p, grifos da autora).

Essas classificações, mais que critérios fisiológicos e funcionamento ideal, criam efeitos discursivos, representações e noções de corporeidade “para estes ‘tipos’, assim como a presença do tipo ‘normal’” e afirmam “que todos os outros são anormais e que estariam, portanto, em risco, já que estão fora da consideração do que se entende por ‘normal’ ou correto” (MAGALHÃES, 2014, s/p). Além do mais, geram reconhecimento negativos e abjeções para com os corpos reais, diversos, volumosos ou mesmo magros, então, os corpos tornam-se figuras a serem apagadas; relegam-se a abjeção.

Para Judith Butler (2002), o abjeto, quer na biologia, quer na arte, não se restringe apenas à essa visão normativa imposta às pessoas e seus gêneros, mas se relaciona a todos os tipos de corpos e vidas cujas materialidades não são consideradas importantes. É justamente o contrário que Fernanda Magalhães, uma mulher obesa, de meia idade, lesbiana vem firmar: que seu corpo é um entre muitos outros possíveis.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=85&id=1043>

Na afirmação de uma condição biológica, mas também política, esse corpo gordo desestabiliza a ordem, as convenções orgânicas e discursivas, os modos como apresentamos um corpo dito humano ou de como como devemos ser. Na visualidade artística de Fernanda, abrimos possibilidades para enfrentarmos os discursos normativos e pensar o corpo numa lógica de reconhecimento e valorização identitária. Não se trata de dizer, *per simples*, de uma negação da organização biológica, nem de tomar o descuido como prática de saúde e tampouco tomar a obesidade como a fundante de um paradigma estético a se cristalizar como regra; falamos para além disso!

Falamos de outras políticas do corpo e de “linhas de fuga e dobras nas estruturas e redes de poder, além de um enfrentamento aos discursos de patologização e medicalização dos corpos vigentes na sociedade” (RIBEIRO, 2013, s/p) e na escola. Mesmo o corpo nu passa por uma leitura cultural e política, portanto, falamos de relações não orgânicas, de corpos sem hierarquias e de reconhecimentos não ditados pelo sistema patriarcal – colonialista – capitalista como únicos. E pontuamos que esses são possíveis na arte e educação e no ensino de biologia.

### **As suturas nos corpos: disposições para pensarmos na outridade**

Como iniciar um texto/aula com imagem? Que desdobramentos a leitura de uma imagem pode proporcionar para se produzir escritas, outros pensamentos sobre o corpo e sobre biologia e arte? Como as pedagogias culturais aparecem nas poéticas visuais para nos ajudar a fomentar o pensamento decolonial em arte com atravessamentos biológicos, culturais, políticos e sociais?

**FIGURA 2** – Série Bastidores, de Rosana Paulino



**Fonte:** PAULINO <sup>6</sup> (2017)

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=bastidores>

“As imagens são textos visuais”, diz Maria Helena Rosa Barbosa (2010, p. 146), do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). Nesse sentido, os corpos, gêneros e sexualidades são também símbolos e possibilidades de leituras em diferentes linguagens, em diferentes atravessamentos, porque eles têm história, são narrativas sobre o mundo e pedagogias a serem ensinadas e aprendidas.

Mas que corpos ensinamos/lemos/aprendemos?

A “Série Bastidores”, da artista negra Rosana Paulino (2017), remete-nos a outra imagem do corpo.

Apropriando-se de tecido, linhas, objetos do cotidiano e fotografias, Paulino registra mulheres negras em impressões fotográficas transferidas quimicamente para tecidos e, em seguida, aplicadas num suporte de bastidor que serve de apoio para tecer pontos, alinhavos e bordados históricos (FIGURA 2). As linhas em fio preto não ocorrem de modo decorativo nas imagens, mas, antes, são deslocadas para cobrir os olhos, as bocas, as gargantas e outras partes do corpo das pessoas destacadas. O intuito desse texto-corpo é nos instigar a pensar o silenciamento negro, especialmente o de mulheres, alinhavado a algo estruturado em nosso passado: o racismo, o sexismo e outros “cala-bocas” imputados às pessoas que congregam marcas antagônicas ao corpo branco, masculino, padrão na sociedade brasileira e em outros cantos do mundo.

Nas representações hegemônicas de corpo vinculadas nas escolas, os corpos são desprovidos de seus traços históricos. Miguel Arroyo (2016, p. 23) já nos alertava para a necessidade dos corpos reais, ou seja, aqueles marginalizados socialmente, invisibilizados pelo currículo e precarizados pelas violências epistêmicas; são os corpos e pessoas que nos chegam às escolas “das periferias, dos campos, florestas, dos territórios indígenas, quilombolas” com suas resistências, lutas e valores. No entanto, os currículos continuam tecendo argumentos sobre identidades biológicas e culturais de um só grupo, de uma única etnicidade, da cultura hegemônica (SILVA, 2005), do binarismo gênero, constelando verdades únicas e colonizantes do pensamento escolar, dos desejos e dos corpos discentes.

A obra de Paulino rasura as narrativas europeizantes das quais somos reféns. Mas, representações como essa estão na escola? Estão nos documentos oficiais? Sim e não, ao mesmo tempo. Interditadas na arte e biologia maiores (a oficializada pelo Estado e documentos educacionais), são explosões discursivas na arte e biologia menores (a tecida na reivindicação dos corpos, no interesse das estudantes, nas pedagogias culturais encampadas pelas militâncias, etc.). Assim, artes e biologias

ordinárias provocam o “deslocamento dos olhares daquilo que sempre foi considerado como central, nuclear, essencial para se entender o funcionamento” do corpo, “para aquilo que era descrito como marginal, menor, patológico, anormal e fronteiro, ou seja, considerado como um ‘inimigo’ nas margens de sentido” (SANTOS; MARTINS, 2020, p.148).

Num currículo das margens, as suturas das bocas das mulheres nos bastidores de Paulino são simbólicas para questionarmos os currículos hegemônicos como mordanças das diferenças.

Ao trazermos a desconstrução dos currículos com outros artefatos culturais, como exemplo, obras atreladas à arte de outros povos, podemos compreender como se deram as chagas do processo colonial e questões caras para as pessoas guetizadas (QUIJANO, 2002), como a racialização, a exploração capitalista e as classificações de gênero, sistemas responsáveis por jogar na margem toda e qualquer pessoa que destoante do pensamento e do corpo branco ocupante dos poderes.

Atrelando essa premissa ao pensamento freiriano, podemos, portanto, dizer que é preciso desvelar os fatos históricos e fomentar uma análise de pensamento crítica que inverta as lógicas de opressão, colocando o oprimido a pensar o seu lugar, sua condição e também a territorialidade de seu próprio silenciamento como corpo indesejado nos espaços de poder dominante ou como corpo que exerce um contra poder resistente (FREIRE, 1987).

Decorre do processo de constituição da modernidade a organização dos corpos no lugar do indesejado e das concepções binárias. Os empreendimentos coloniais modernos (desde o Século XVI), entre os quais a ciência e a formação do senso estético, provocaram as segregações daquelas cujas presenças, destoantes do colonizador europeu e de seu modelo de civilização, foram marcadas como monstruosas, abjetas e não humanas. Tais figuras careciam de ser salvas, cristianizadas, educadas como subservientes e docilizadas para os trabalhos forçados presentes nos extrativismos das colônias.

Ao observarmos “A Salvação das Almas” (FIGURA 3), vemos um corpo negro sobreposto azulejaria portuguesa. Esse é um deslocamento da corporeidade negra que tensiona a constituição branca dos corpos. Um corpo branco pode ser preenchido de história, significação, apreciação, biologia, mas, e os corpos diferenciados?

A face oculta do colonialismo operou na naturalização do branco como sujeito universal e ideal a ser seguido (LEITE, 2020) e por linhas de classificação, atreladas ao capitalismo, responsáveis por estruturar gênero, raça e trabalho (QUIJANO, 2002). A imposição de uma *modus operandi* binário e atomizado – macho/fêmea; branco/negro; ocidente/oriente; império/colônia; alma/corpo; civilizado/selvagem – configurou racismos e sexismos (LUGONES, 2014). As pessoas dissidentes destoantes do contrato racial e sexual dos corpos (PRECIADO, 2011) carregam processos de violência, exclusão e de monstruosidade em seus corpos em contraponto com os corpos higiênicos e aceitáveis.

A face oculta do colonialismo operou na naturalização do branco como sujeito universal e ideal a ser seguido (LEITE, 2020) e por linhas de classificação, atreladas ao capitalismo, responsáveis por estruturar gênero, raça e trabalho (QUIJANO, 2002). A imposição de um *modus operandi* binário e atomizado – macho/fêmea; branco/negro; ocidente/oriente; império/colônia; alma/corpo; civilizado/selvagem – configurou racismos e sexismos (LUGONES, 2014).

**FIGURA 3** – A salvação das almas, de Rosana Paulino



Fonte: PAULINO<sup>7</sup> (2017)

Nesse aspecto, tanto a branquitude quanto a heterossexualidade

conquistaram legitimidade histórica e posições sociais, culturais e econômicas de reconhecimento a construir o sentimento de igualdade, de empatia e a afinidade de que vidas brancas e heterossexuadas (ou de vassalãs na diferença colonial e na servidão voluntária ao mando) importam mais que outras vidas. Nesse reconhecimento, pensamentos dominantes inventaram a outra colonizada, selvagem, monstruosa, indígena, negra, mulher, gay, lesbiana, travesti, transgêneras. Logo, em processos seculares de dominação, canonização e escolarização, pessoas com esses atravessamentos identitários tornaram-se o depositário dos ódios e das opressões dos sistemas conceituais e econômicos eleitos (MADDOX; CARVALHO; MAIO, 2020, p. 245).

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=bastidores>

Essas questões necessitam de olhar mais acurado nas perspectivas, projetos e intervenções educacionais sobre o corpo, não como o fetiche e a expropriação das diferenças, nem em projetos fragmentados de datas comemorativas que esvaziam os sentidos das lutas e existências.

Problematizamos questões caras acerca de pessoas, corpos e vidas da margem que não alcançam e não ganham o estatuto ontológico de ser. É nesse sentido que corpos negros, de mulheres e indígenas deveriam circunscrever territorialidades de corpos latinos (LUGONES, 2014).

Às pessoas não brancas coube, inclusive na escola e na estética, o lugar da diferença colonial, em que as dissidências são lembradas de despirem-se de suas questões identitárias e subjetivas. Essa diferença amplia-se ainda mais quando adensada pelas lentes da heterossexualidade normativa, que forja a ideia de que outras sexualidades e posições generificadas são menores, desvios da natureza ou da biologia, dignas de novos salvacionismos ou do sexo/gênero bem-comportado que não fere as ideias de complementariedade e conjugabilidade das pessoas humanas.

Na heteronorma, as mulheres são os corpos mais inferiorizados e aprisionados no e para o casamento, para a maternidade ou para o trabalho, ou, ainda, as mulheres são consideradas as guardiãs da submissão, da genitalidade, da conjugabilidade e da família.

Segundo Lugones (2014), as discussões sobre corpo e gênero empunhadas entre outras teorizações, pelos feminismos, deveriam deslocar esses pensamentos para dentro das instituições de educação, das artes, dos currículos a fim de reivindicar outras intersecções. Só assim, colocando-nos no lugar de valorização epistêmica dos corpos das “amefricanidades” (GONZALES, 1979) que questões como cor, pele, organicidade, valorização dos saberes e modos de pensar podem superar as representações impostas por tradições artísticas e compreensões restritas à biologia.

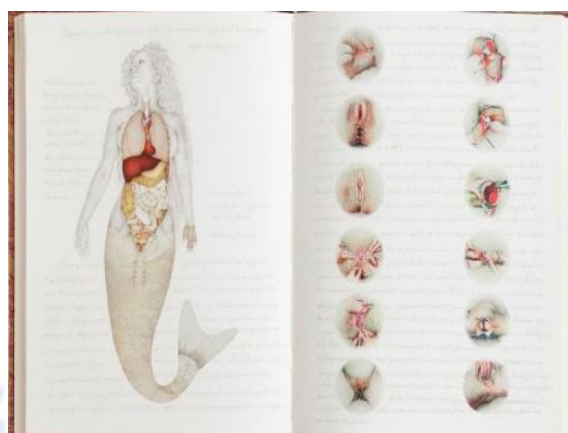
Para Fabiana Carvalho (2018), existem várias maneiras de se vivenciar as sexualidades e os gêneros e não apenas uma, considerando que esses são campos pluri existenciais, de várias experimentações sociais e afetivas que, propositadamente, foram negligenciados pela ordem moderna das sociedades ditas civilizadas quando essas determinaram quem pode ou não ser lido como mulher/homem, fixando, deste modo, as pessoas diferentes como sexualmente selvagens (GONZALEZ, 1979), desviantes de um sexo comportado. Por essa lógica, os sistemas conceituais e opressivos direcionam-se

sempre às características corporais das pessoas. Dito de outra maneira: estigmatizam os corpos como locais da visibilidade da outridade e da diferença, atribuindo-lhes significações morais e políticas lidas como razões naturais.

Tanto a biologia quanto a arte valeram-se desses sistemas opressivos para a imposição de narrativas e limitações que classificam os corpos em humanos e não humanos; representáveis e não representáveis.

As pranchas coloridas de Walmor Côrrea (2013) servem para pensarmos nessas limitações classificatórias (FIGURA 4).

**FIGURA 4** – A cirurgia da Ondina, de Walmor Côrrea



**Fonte:** Côrrea (2013)<sup>8</sup>

O artista e também biólogo mergulha no universo dos povos originários e tradicionais do Brasil, resgatando figuras híbridas, representadas à semelhança das gravuras aquareladas dos naturalistas do século XIX e de alguns desenhos científicos. Suas composições humanizam a dita monstruosidade com contraposições de folclore, conhecimentos étnicos, mitologia e biologia como se numa vivisseccção também se denunciasses a violência epistêmica/corporal das adequações anatômicas.

Em “A cirurgia da ondina”, percebemos tanto o desenho de uma sereia como um procedimental cirúrgico nos genitais e vísceras da mesma a conduzir nossos sentidos a uma ideia de normatização ou readequação desse corpo polivalente e desviante.

Nessa objetivação cirúrgica, encontramos uma metáfora para os processos de exploração, apagamento e correção da natureza considerada selvagem, ao mesmo

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br/obra/cirurgia-da-ondina/>

tempo, domável pela força, e para a qual estão direcionados os ódios do colonizador. É como se os corpos, num misto de curiosidade e violência empreendidas pelo opressor, fossem reduzidos a um objeto da ciência, de estudo e nada mais. Às híbridas, às que não se encontram no isto ou aquilo do sexo, do afeto e do gênero: o destino das cisões culturais e biológicas, as adequações religiosas e subjetivas, o adestramento e a correção para a perpetuação reprodutiva nas dobras de um projeto europeu de capitalismo e colonialismo.

As suturas no corpo da sereia tanto quanto as suturas bordadas de Rosana Paulino (2017) traduzem os gestos de violência epistêmica direcionados aos saberes e corpos do terceiro mundo, num modelo de história em que colonizados e colonizadas “e suas personalidades/almas eram julgadas como bestiais e, portanto, não gendradas, promíscuas, grotescamente sexuais e pecaminosas” (LUGONES, 2014, p. 936-937).

Para que possamos romper, ao nível das escolas e das Pedagogias Culturais que acessamos, com os sistemas conceituais hegemônicos, novas práxis devem ser propostas, reconhecendo a luta dos corpos que desafiam as normas vigentes.

Se imagens, músicas, narrativas e discursos imputam às bichas, mulheres, latinas, sapatonas, chicanas, sudacas, travestis a obrigatoriedade das relações sexistas, racistas, de reprodução biológica e objetificação, oportunizar as Pedagogias Culturais minoritárias podem criar um território possível para a quebra do sistema mundo colonial na compreensão dos conteúdos escolares e culturais.

No sul global, dentre tantos corpos, Castiel Vitorino Brasileiro, travesti negra, artista e macumbeira tem atuado nos guetos marginalizados com seu corpo. Preparando-se para a guerra, ela entende que nós, do terceiro mundo “somos contrárias e contraditórias quando vivemos aquilo que é impossível ao colonizador; [...] o que tem sido esse impossível e incompreendido: nossa liberdade” (BRASILEIRO, 2017, s/p).

A macumbaria de Castiel (FIGURA 5) incorpora um corpo orgânico, ancestral, híbrido, ritualístico, sexuado. Um corpo a inscrever em sua ordem biologia, o imperativo de suas chagas, seus próprios territórios, identificações, afetos e cultura.

**FIGURA 5** – Como se preparar para a guerra? de Castiel Vitorino

**Fonte:** Vitorino<sup>9</sup> (2017)

Na afirmação de um corpo negro e transgênero, um corpo encruzilhada também se instaura. É o espaço de um entre-lugar, nem masculino, nem feminino, sem hierarquias de órgãos. No mesmo íterim, vislumbramos um corpo de feminilidades e masculinidades não biológicas, mas periféricas e que se constroem junto à ancestralidade e o futuro, incorporando medicinas populares, saberes de mulheres curandeiras e de divindades afro-sul-americanas a negar a necropolítica, o poder e as vidas matáveis ou desprezáveis.

Os corpos que sorriem e deboçam expurgam as dores, os traumas, as violências estatais e das instituições. E neste entre-lugar, na fronteira, podemos criar relações de contágio para corpos pós-humanos e corpos sobreviventes da colonialidade. Ou, criar fusões natureza-cultura; corpo-cultura; corpo-máquina, conforme destacou a bióloga, militante feminista e artista Donna Haraway em sua ontologia ciborgue ou ontologia para uma vida híbrida. Nesse contexto, um corpo híbrido é um corpo-criatura

de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. [...] Não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior (HARAWAY, 2009, p. 38).

<sup>9</sup> Disponível em: [https://castielvitorinobrasileiro.com/perf\\_csppg](https://castielvitorinobrasileiro.com/perf_csppg)

É esse hibridismo retratado por Uýra Sodoma (FIGURA 06), artista visual, bióloga, multimídia e educadora amazônica. A arte *drag queen* de Uýra defende a mata e os animais, transporta-se a esse lugar para criticar os aparatos coloniais de expropriação da natureza, do extravismo e da produção.

**FIGURA 6** - Na alegria ou na tristeza II e III



**Fonte:** Uýra Sodoma<sup>10</sup> (s/d)

Ela se torna uma entidade híbrida ao relacionar os conhecimentos científicos da biologia às sabedorias ancestrais indígenas; é uma árvore que anda, conforme se autoafirma, numa simbiose compreensiva com a natureza.

Nessas imagens, as representações biológicas e artísticas desprendem-se das regras sexo/gênero, corpo/cultura definidas.

Elas estão ampliando os sentidos para processos corporais mais fluidos, coligáveis, políticos, semióticos, cada qual concebida “como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade” (HARAWAY, 2009, p. 36). Caracterizam, também, os corpos como locais de outridade, das diferenças, sem sentidos morais e razões naturais estritos ou determinantes.

### **Algumas considerações**

As críticas decoloniais (QUINANO, 2002) e feministas decoloniais (LUGONES, 2014) questionam os corpos em seu estatuto econômico, de re/produção biológica, de adequação forçada às normas e de naturalizações históricas, orgânicas e sociais. A invenção da América e a racialização das diferenças contribuíram para

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/uyrasodoma/>

marginalizações de corpos, gêneros, sexualidades e afetividades. Essas foram incorporadas na constituição da ciência e do senso estético dominado pelos países do norte global, tornando-se dispositivos de produção subjetiva numa escola também enquadrada pela lógica patriarcal – colonialista – capitalista.

As imagens aqui trazidas funcionam como dispositivos a/r/tográficos para problematizar as verdades construídas pelos binarismos de sexo/gênero e pela instituição de uma verdade branca, biológica e padronizável para os corpos. Pensar os atravessamentos coloniais e dispersá-los com a potência das dissidências corporais é desconstruir toda tentativa de padronização das vidas nas escolas.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Corpos resistentes produtores de culturas corporais.** Haverá lugar na Base Nacional Comum? *Motrivivência*, v. 28, n. 48, p. 15-31, 2016.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro descolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Leitura de imagens e o ensino da arte:** Considerações em educação não formal – em museus. 2010. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id\\_cpmenu/5931/MariaHelena\\_artigo\\_1550595718\\_5347\\_5931.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/5931/MariaHelena_artigo_1550595718_5347_5931.pdf). Acessado em 19 de fev de 2021.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Como se preparar para guerra?** 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFcQKUEBr6H/>. Acessado: 12 fev. 2021.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. **Revista de Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, jan., 155-167, 2002.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. **Os discursos biológicos na educação para os gêneros - as sexualidades - e as diferenças:** aproximações e distanciamentos. 227 f. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências e a Matemática). Centro de Ciências Exatas (UEM). Maringá, 2018.

CORRÊA, Walmor. **Cirurgia da Ondina**, 2013. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br/obra/cirurgia-da-ondina/>. Acessado: 30 ago. 2020.

DIAS, Belidson. Uma Epistemologia de Fronteiras: Minha tese de doutorado como um projeto artográfico. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Salvador BA. EDUFBA, 2010. Disponível em <http://www.anpap.org.br/anais/2009/html/ceav.html>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

- GONZALEZ, Lélia. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**. Los Angeles: Spring Symposium the Political Economy of the Black World, 1979. Mimeo.
- HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Antropologia do ciborgue**. 2<sup>a</sup>. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.
- IRWIN, Rita L. A/r/tography as metonymic, metonymic, metissage. In: IRWIN, Rita L.; COSSON, Alex de (Orgs.). **A/r/tography: Rendering self through arts based living inquiry**. Vancouver: Pacific Educational Press, 2004, p. 27-38.
- LEITE, Ilka Boaventura. Branquitude: a mais nítida face do racismo no Brasil e no mundo. In: CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. **Branquitude: dilema racial brasileiro**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. p. 13-16.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.3, n. 22, p. 935-952, 2014.
- MADDOX, Cleberson Diego Gonçalves; CARVALHO, Fabiana Aparecida De; MAIO, Eliane Rose. Culturas, artes e “biologias”: pulverizar os pensares colonizados e marcas outros possíveis para as corpos, os gêneros e as sexualidades que não se dobram. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo (Orgs.). **Como pode uma pedagogia viver fora da escola? Estudos sobre pedagogias culturais**. Londrina/PR: Syntagma Editores, 2021, p. 237-260.
- MAGALHÃES, Fernanda. **Corpo: Re-construção, Ação, Ritual, Performance**. Curitiba: Travessa, 2010.
- \_\_\_\_\_. Classificações científicas da obesidade. **Labrys Estudos Feministas**, Brasília, jan.- jun., s/p, 2014.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.
- PAULINO, Rosana. **A salvação das almas?** Impressão digital sobre tecido e costura 29,0 x 58,0 cm. 2017. Disponível em:  
<http://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=bastidores>. Acessado: 14 fev. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Série Bastidores**, 2017. Disponível em:  
<http://www.rosanapaulino.com.br/blog/?s=bastidores>. Acessado em: 14 de fev. 2021.
- PRECIADO, Paul. B. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, Marília, ano 17, n. 37, p. 01-25, 2002.
- RIBEIRO, Vínícios Kabral. Engordurando a arte contemporânea: as imagens de Fernanda Magalhães. **Revista ComCiência**, Campinas, n. 145, s/p, 2013.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS; Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **REnBio**, v. 13, n. 1, p. 141-152, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade** – uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TRIVELATO, Sílvia Luzia Frateschi. Que corpo/ser humano habita nossas escolas? In: AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de *et al.* (Orgs.). **Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói/RJ: Eduff, 2005.

UÝRA, Sodoma. **Série mil mortos**. Fotografia: Matheus Belém, Local: Igarapé da comunidade Cachoeira Grande, São Jorge. S/D. disponível em: <https://www.instagram.com/p/BgzoKtwAZdq/>. Acesso em 23 de Fe v. de 2021.

Recebido em fevereiro de 2021.  
Aprovado em abril de 2021.

Revista  
**Diversidade**  
e Educação